

A PAISAGEM ALÉM DOS OLHOS: Reflexões Geográficas a partir do Documentário Janela da Alma

Luan Estevam da Silva¹

(Graduando em Licenciatura em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, CAPF, (84) 9 9492-2744, luanestevam98@gmail.com)

Carla Mirelle de Freitas Monteiro²

(Graduanda em Licenciatura em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, CAPF, (84) 9 9991-8427, carlamir31l3@gmail.com)

Carla Camila Gomes Freitas³

(Doutoranda em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, (84) 9 9875-3475, ccamila2022@gmail.co)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira o conceito geográfico de paisagem é apresentado no documentário Janela da Alma (Jardim; Carvalho, 2001), a partir da percepção sensorial e subjetiva dos entrevistados. A discussão central baseia-se em como a paisagem pode ser entendida para além do campo visual, por meio das experiências de pessoas com deficiência visual. Tendo como base metodológica autores que discutem o conceito de paisagem na Geografia, como também o documentário intitulado “Janela da Alma”. Por meio da análise realizada foi possível ampliar a ideia da paisagem estética e visual que perpetuar por muito tempo na geogra, trazendo agora uma paisagem cheia de significados e sentidos, indo para além do visível, se tornando palpável, sentido e revestido de resignificações individuais ou coletivas, construções como seres vivos e a paisagem como espaço vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito geográfico; Visual; Geografia Cultural; Espaço vivido.

GT3: Espaço, Cultura e Turismo

1 INTRODUÇÃO

O documentário “Janela da Alma” (2001), dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, aborda as experiências de pessoas com deficiência visual ou com baixa visão, explorando as múltiplas formas de percepção e relação com o mundo, refletindo, através dos depoimentos presentes ao longo da obra, sobre a ideia da visão como único ou principal meio de conectar-se com o mundo, propondo para além da percepção física, conectando-se às experiências vividas por pessoas não visuais, destacando as percepções e sentimentos de cada indivíduo sobre o mundo e consigo mesmo.

No documentário são apresentadas 17 pessoas, através de depoimentos, desde pessoas com deficiência visual severa/moderada à pessoas com baixa visão, entre elas pessoas que nasceram com deficiência visual, como também pessoas que perderam a visão ao longo da vida. A obra trata os relatos, demonstrando não somente as dificuldades, mas revelando novas

maneiras de compreender o mundo e novos sentidos para as percepções do que está ao nosso redor. Ao contrário de impor limites, a obra convida o telespectador a refletir para além da visão, buscando compreender a profundidade do sentir e imaginar.

Nesse contexto, o documentário vem afirmando por meio dos relatos que o mundo pode ser sentido, ouvido, tocado e imaginado. O poeta Manoel de Barros afirma em sua fala que "o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê", nessa fala ele destaca as múltiplas formas de ver, trazendo o mundo não como algo exclusivo de quem tem visão, mas das variadas formas de ver, sentir, criar e imaginar através das diferentes realidades.

Na Geografia, vários conceitos são tratados ao longo dos anos por muitos autores, sendo estes a base para a geografia que temos hoje, alguns conceitos como espaço, lugar, paisagem, território e região, passaram por reformulações ou reflexões sobre seu embasamento e o que realmente se tratam, como também são vistos de diferentes formas por determinados autores e nomes da geografia. Nesse sentido vamos debater mais a fundo sobre o conceito de paisagem, que em particular, ocupa um papel central nesse debate. Inicialmente compreendida como o aspecto visível da superfície terrestre, resultado da combinação entre elementos naturais e ações humanas, a paisagem passou a ser interpretada, nas abordagens mais recentes, como uma construção simbólica, sensorial e subjetiva. É a partir dessa perspectiva que o documentário se torna um objeto valioso de reflexão para a Geografia.

Na Geografia o conceito de paisagem, por muito tempo foi pensado apenas como aquilo que se via. Autores como Alexander von Humboldt, que no século XIX, associava a paisagem à visão estética e científica da natureza (Humboldt, 1845). Já no século XX, Paul Vidal de La Blache, começa a traçar um novo conceito para a paisagem, onde a mesma já passa a ser considerada cultural, definindo-a como expressão visível da ação humana sobre o meio (La Blache, 1903). La Blache compreendia a paisagem como um conjunto de vivências e relações de um grupo com o espaço geográfico ao qual estavam inseridos (La Blache, 1922).

Novas discussões sobre o conceito de paisagem já vem de encontro com o que é abordado no documentário. Passa-se a ver a paisagem como “um arranjo que é percebido, vivido e interpretado, carregando significados pessoais”, afirma Tuan (1977, p. 140). O conceito que antes era somente sobre o que era visível, passa a ser percebido, vivido e interpretado, como no qual quem vai revelar cada significado atribuído a cada sentimento é o próprio ser, o qual vai está inteiramente ligada à história de vida, afirmado por Santos (p. 41,

1979) “A paisagem é um produto da história, onde se materializam as relações entre a sociedade e a natureza”.

Este trabalho justifica-se pela relevância do documentário Janela da Alma como instrumento de reflexão sobre o conceito geográfico de paisagem, ao evidenciar que a percepção da paisagem não se limita à visão, mas pode ser construída por meio de outros sentidos e experiências sensoriais. Considerando que a paisagem é comumente associada ao visível, questiona-se se essa concepção tradicional não estaria limitando sua compreensão a partir de uma perspectiva visualista, desconsiderando as formas de percepção espacial acessíveis a pessoas com deficiência visual.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma o conceito geográfico de paisagem é apresentado no documentário Janela da Alma, a partir da percepção sensorial e subjetiva dos entrevistados. Tendo por objetivos específicos: a) Discutir o conceito de paisagem na Geografia, considerando suas abordagens tradicionais e contemporâneas; b) Refletir sobre a construção do conceito de paisagem a partir dos sentidos não visuais apresentados no documentário Janela da Alma; c) Refletir sobre como a valorização de percepções não visuais contribui para uma prática geográfica mais inclusiva.

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, baseando-se na análise de conteúdo e revisão bibliográfica. Sendo a base da pesquisa a obra audiovisual, “Janela da alma” (2001), dirigido por João Jardim e Walter Carvalho. No qual busca-se refletir sobre o conceito geográfico de paisagem, unindo-se às percepções sensoriais, presente nos depoimentos das pessoas entrevistadas.

O desenvolvimento metodológico se deu por uma análise interpretativa de recortes específicos do documentário, no qual a base é os depoimentos dos entrevistados que relatam sobre suas experiências e relações sensoriais que possam estar ligadas ao conceito geográfico de paisagem. A análise teve como objetivo identificar de que maneira esses indivíduos constroem suas percepções sobre o mundo à sua volta, explorando sentidos como a memória e a imaginação.

A revisão bibliográfica teve por base autores clássicos como Humboldt (1845) e La Blache (1903, 1922), que vem discutir acerca do conceito de paisagem, desde o visual até a ideia do cultural. Bem como foi discutido à luz de autores contemporâneos como Tuan (1977) e Santos (1979, 1988, 2002), que ampliam o conceito de paisagem para o campo simbólico e

histórico. Nesse ínterim, a revisão bibliográfica permitiu fazer uma ligação do pensamento geográfico com as experiências sensoriais abordadas no documentário.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 A PAISAGEM NA GEOGRAFIA: DO VISÍVEL AO SENSÍVEL

Desde os primórdios dos estudos geográficos, o conceito de paisagem ocupou uma função de destaque, sendo historicamente entendido como o aspecto visível do espaço (Machado, 2012). Estando fortemente relacionada a tradição empírica e descritiva da Geografia clássica, sendo o visível a principal forma de interpretar o mundo.

Autores como Alexander von Humboldt, considerado um dos fundadores da Geografia moderna, e Vidal de La Blache foram essenciais para a consolidação dessa perspectiva, no qual a paisagem era concebida como somente a expressão visível da superfície terrestre, formada pela combinação dos elementos naturais e humanos. Nas palavras de Vidal de La Blache, como citado por Silva (2016) em Baldin (2021), a ideia inicial de paisagem remetia ao que era visível, definida como aquilo que o olhar abarca.

Assim, o olhar era instrumento fundamental na construção do saber geográfico, afirmando uma abordagem mais visual, imutável e sistematizada do espaço terrestre.

Apesar da grande influência por muito tempo dessas definições da paisagem somente como o visível, a partir de 1970, com a mudança de paradigmas geográficos principalmente com a chegada da Geografia Cultural e Geografia Humanista, passou-se a compreender a paisagem como algo não mais neutro ou estável, mas interpretativo e dependente dos sentidos atribuídos a ela (Baldin, 2021).

Embora essa concepção visualista esteja presente em muitos discursos geográficos atuais, ela passou a ser questionada por autores que propuseram uma perspectiva diferente do que seria a paisagem, sendo este um fenômeno vivido e subjetivo, indo para além do visível. Assim, com o avanço da Geografia Cultural e também da Humanista, o conceito de paisagem passou a integrar aspectos subjetivos, sensoriais e afetivos da relação entre sujeito e o espaço. Essa nova maneira de compreender a paisagem fora do campo da visão torna-a um vasto campo de compreensão do espaço habitado pelos indivíduos.

Apesar do visual ser parte importante da paisagem, não se pode restringi-la a esse posto, uma vez que ela é mutável e cheia de significados, sejam eles construídos individualmente,

coletivamente ou por meio das experiências, emoções e memórias. Assim, a paisagem passa a ser aquilo que é vivido e interpretado, carregado de significados, como afirma Cabral (2000), “o olhar não é somente o exercício de um sentido (a visão), ele é também a produção de sentido (significação)”.

Além de tratar a paisagem como “aquilo que a vista abarca”, Santos (1988, p. 61) traz consigo esse novo sentido, afirmando que a paisagem “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. Essa ampliação do conceito rompe com a ideia puramente visual, integrando as experiências sensoriais e dinâmicas do espaço, como ele mesmo afirma que “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais” Santos (2002, p. 69).

Não obstante, a paisagem passou a ser entendida não apenas como recorte visual da realidade, mas como conjunto de elementos materiais e imateriais que carregam sentidos e significados, sejam sociais, históricos e culturais, refletindo a paisagem como o espaço vivido.

2.2 O DOCUMENTÁRIO JANELA DA ALMA: OLHARES QUE TRANSCENDEM A VISÃO

O documentário “Janela da alma” (2001), dirigido por Walter Carvalho e João Jardim, traz uma série de depoimentos de pessoas com diferentes níveis de deficiência visual. Escritores, cineastas, filósofos, músicos, artistas e pessoas comuns relatam sobre suas ricas experiências e relações com o mundo e com o próprio ato de ver e sentir. Mais do que abordar a deficiência visual, o documentário traz o questionamento a respeito da visão como única forma de compreender o mundo, bem como a crítica à enxurrada de imagens em que são lançadas para as pessoas que enxergam.

O documentário amplia nossa percepção para além da visão que conhecemos, reconstruindo a realidade por meio do afeto e subjetividade (Guimarães; Corrêa, 2012, s. p.). Nesse sentido, o documentário vai muito além dos limites biológicos do corpo, mas discute uma nova forma de compreensão da realidade através dos sentidos, da imaginação e da memória.

No vasto campo da Geografia essa abordagem se ampara no conceito de paisagem, o qual passou por várias transformações ao longo do tempo. Autores como Humboldt (1845) e La Blache (1903 e 1922) tratavam a paisagem apenas como algo visível da superfície terrestre. Esse contexto começa a mudar a partir do século XX, que sobre as influências fenomenológicas e humanistas, a paisagem passou a ser pensada não apenas como visível, mas carregada de

sentimentos, memórias, imaginação e subjetividade. Para Eric Dardel (1952), a vida humana não é apenas racional, visível, mas essencialmente sensível, antes do espaço ser habitado ele é sentido e imaginado.

É essa ideia de paisagem sensível que é revelada no documentário. Nos mais variados depoimentos é possível identificar essa compreensão da paisagem através do tato, da audição, da memória e principalmente da imaginação. Mesmo com a ausência parcial ou total da visão, essas pessoas conseguem compreender a paisagem e sentir o espaço ao qual estão inseridas.

Um depoimento que tem grande relevância é o da escritora com deficiência visual total, que descreve sua compreensão do mundo a partir das descrições verbais, sensibilidade corporal e principalmente das memórias da infância, quando ainda tinha visão. Dessa maneira ela revela que a paisagem está muito além do visível, como afirmado por Lopes (2012, p. 27), “na realidade a paisagem é um entremeio entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana.”

Destaca-se também o depoimento do vereador Arnaldo Godoy que, mesmo com deficiência visual severa, mantém na mente todo o desenho da cidade de Belo Horizonte, sendo capaz de detalhar todos os pontos, prédios, praças e ruas. Em determinado momento, o entrevistador indaga Godoy como ele consegue se localizar, no qual ele relata: “A gente vai fazendo um mapa na cabeça”. Mais a frente, ele complementa dizendo: “Eu tenho que ficar ligado em outros referenciais, Descida, subida, vira, barulho de rua” e conclui: “Eu vou construindo essas referências na ideia”. Assim, ele destaca que tem que ficar ligado nos demais sentidos, por exemplo, quando está de carro pela cidade precisa prestar atenção nas subidas, decidas, barulhos que o faz reconhecer onde está.

O relato de Godoy revela a subjetividade existente na experiência visual e, sobretudo, na concepção de paisagem para além do olhar. Ele utiliza outros sentidos, significados e memórias acumulados ao longo da vida para se orientar no espaço, demonstrando que a paisagem não se limita ao que é visível, mas também ao que é construído por meio da percepção sensorial e da vivência pessoal.

Outros depoimentos de pessoas que enxergam, presentes no documentário, criticam o excesso de imagens às quais as pessoas que têm visão estão submetidas. O cineasta Wim Wenders fala que o excesso de imagens pode de fato cegar as pessoas para aquilo que realmente importa, pois quando é oferecido um grande número de imagens há presença de muitas informações ao mesmo tempo, dessa maneira não é possível captar o que é mais importante. Já no caso das pessoas que não enxergam, elas conseguem compreender a paisagem, o espaço e o

mundo de maneira mais calma e organizada, pois a faz por meio do sentimento, da memória e da imaginação.

O documentário apresenta uma pluralidade de maneiras de ver, perceber, sentir e compreender o mundo, apresentando as particularidades das mais variadas realidades. Essa diversidade revela que a paisagem vai além de algo visível, mas está carregada de sentimentos, memórias, imaginação e cultura envolvida, onde cada pessoa em sua realidade consegue ver, sentir e imaginar sua própria paisagem, que pode não ser visível aos olhos, mas é real.

Entretanto, se levarmos em consideração que a paisagem é uma porção do espaço captada pelo olhar, não podemos esquecer, todavia que a captação da paisagem não se faz passivamente, mas nós organizamos e tecemos, aos mesmos, sentidos, desse modo a paisagem apreendida é construída na medida em que damos à mesma significância. (LOPES, 2012, p. 28).

No campo da geografia, o documentário contribui para ampliar o entendimento sobre a pluralidade das realidades presentes na produção do espaço e na sua compressão, como apresenta Valverde (2025, p. 7) “A paisagem é vivida, comunicada e performada”. Destacando que a geografia vai além do visível, mas também está carregada de sentimentos, as quais não é só pela visão que a compreende.

3. CONCLUSÕES

A reflexão a respeito do conceito de paisagem baseado no documentário janela da alma, propõe analisar o mundo além do campo restrito da visão. Amparando-se nos depoimentos presentes na obra é possível compreender que o espaço não está limitado apenas para o campo visual, mas é amplo, abordando as emoções, sentidos, subjetividade e cognitividade. Nesse sentido o conceito de paisagem não é mais pensado apenas como o visual e objetivo, mas de maneira que é construído a partir das experiências simbólicas e vividas, compostas por memórias, percepções, emoções e relações que se desenvolvem ao longo do tempo.

No campo da Geografia esse debate passa por diferentes linhas de pensamentos, do clássico que pensava-se mais como o visual sendo o ponto principal da compreensão, ao pensamento humanístico e cultural, que já debate o conceito de paisagem de forma mais subjetiva, carregado de histórias, experiências, emoções e sentimentos. Sendo assim o documentário vem de encontro debatendo sobre as diferentes formas de “ver” o mundo, o qual

está carregado de significados específicos para cada indivíduo, cada um sendo responsável por construir sua própria paisagem, por meio das memórias, experiências sensoriais e imaginação.

Acredita-se ser possível compreender que a paisagem está além dos olhos, em constante mudança, não como algo imposto, mas interpretado e vivido. Baseado por isso o documentário não só amplia a compreensão humana, mas também uma reflexão para a geografia repensar sua base, a qual possa ampliar em perspectivas mais inclusivas, sensíveis e subjetivas a partir das pluralidades humanas.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, R. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 47, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.180223> . Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/180223>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- BLACHE, P. V. la . **Tableau de la géographie de la France**. Paris: Hachette, 1903. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5793204x> . Acesso em: 25 jul. 2025.
- BLACHE, P. V. la. **Principes de géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1922. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k94749d> . Acesso em: 25 jul. 2025.
- CABRAL, O. L. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**. Joinville, v. 15, n. 30. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252> .Acesso em: 31 jul. 2025.
- DARDEL, É. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Angélica M. Sabino. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Obra original publicada em 1952). Disponível em: <https://www.editoraperspectiva.com.br/produto/o-homem-e-a-terra/> . Acesso em: 29 jul. 2025.
- HUMBOLDT, A. Von. **Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung**. Stuttgart: Cotta, 1845. Disponível em: <https://archive.org/details/kosmosentwurf01humbgoog> . Acesso em: 25 jul. 2025.
- JANELA da alma**. Direção: João Jardim; Walter Carvalho. Brasil: Copacabana Filmes, 2001. 1 vídeo (73 min), son., color. Disponível em: https://youtu.be/_I917upG0DI?si=zD1YnKI56kBIB-r4.
- LOPES, J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 23–30, 2012. DOI: 10.5902/223649947332. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7332> . Acesso em: 3 ago. 2025.
- MACHADO, L. M. C. P. **Percepção da paisagem, conceituação, observação, descrição, vivência**. v. 9- D22 - Unesp/UNIVESP - ed. 1. 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47176>. Acesso em: 30 jul. 2025.
-

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. Disponível em: <https://www.editorausp.com.br/> . Acesso em: 25 jul. 2025.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. Acesso em: 03 ago. 2025.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002. Acesso em: 03 ago. 2025.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. Disponível em: <https://www.editorausp.com.br/> . Acesso em: 25 jul. 2025.

VALVERDE, R. R. H. F. Paisagens, as janelas da alma geográfica. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 44, p. e222547 , 2024. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2024.222547. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/222547>. Acesso em: 3 ago. 2025.
